



**abralic**  
experiências literárias textualidades contemporâneas

## **SEXO E DESAMPARO:**

### **PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DA FEMINILIDADE**

Silvio Tony Santos de Oliveira (UFPB)<sup>1</sup>

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

A literatura erótica/pornográfica carrega, em seus flancos, estigmas que, há muito, deturpam sua natureza, assim como seus efeitos estéticos, na medida em que a reduzem a algo abjeto, esdrúxulo e sujo. Todavia, numa leitura menos reducionista, os textos eróticos/pornográficos reverberam as fantasias mais recônditas do ser humano, pondo em evidência o potencial criativo e, ao mesmo tempo, mortífero da sexualidade. Os tabus que a cercam, longe de arrancar-lhe o viço, tornam-na mais sedutora, o que, por outro aspecto, deixa às escâncaras as contradições morais da nossa sociedade ocidental. Esse conflito revela-se mais premente quando o texto, de veios licenciosos, abre espaço para o protagonismo do discurso feminino. Nossa pesquisa, numa tentativa de diálogo entre a psicanálise e a literatura de testemunho, visa examinar na obra *Cem homens em um ano*, as nuances da sexualidade feminina as quais, na obra em questão, apresenta-se em seus laços, dores e sofrimentos. Tencionamos discutir, através do teatro sexual encenado pela mulher, os meios de repressão às pulsões libidinais impostas pela Cultura, sobretudo patriarcal. Como arcabouço teórico, recorreremos às contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan, entre outros importantes expoentes da psicanálise contemporânea.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Feminino. Psicanálise. Literatura

#### **1- Introdução**

O texto literário se constitui, não apenas, como um representante da sociedade, mas um produto desta. É através da obra literária que podemos ter representados os personagens que retratam o comportamento, as convicções, e as individualidades dos diversos indivíduos sociais. É bem verdade, que os conceitos de boa literatura muitas vezes feitos pela crítica literária excluem obras que retratam ou que dão voz a personagens

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

que representam grupos ou minorias sociais que, por seguinte, também, sofrem com a exclusão.

Por outro lado, a sexualidade que deveria ser entendida como um aspecto inerente à natureza humana e ter seu espaço de discussão e representação garantido entre os textos literários considerados referências da boa arte, apresenta-se à margem ou até mesmo reduzido a um espaço mísero, que restringe sua divulgação e seu conhecimento por parte do público leitor, como se representasse uma ameaça à ordem social e aos bons costumes que constituem os pilares da sociedade, mais especificamente, a ocidental.

O presente trabalho busca, justamente, ir de encontro ao determinismo literário e privilegiar uma obra que se apresenta contrária aos textos tradicionais que ora vê a mulher idealizada, restringida a um corpo frio e silenciado em seus desejos. Ora, como um ser reprimido e submisso à figura masculina, ou então, como um ser pronto a satisfazer o prazer sexual do homem. Este usando o corpo feminino de forma arbitrária e descartável.

*Cem homens em um ano* (2012) escrita por Nádya Lapa, é uma obra que dá vez e voz a uma mulher para falar de um dos grandes tabus de nossa sociedade: o sexo. Letícia Fernandez, personagem protagonista da narrativa, é a mulher que, após superar uma crise hormonal, decide viver sua vida sexual sem pudores ou temores, em relação aos paradigmas que regem a sexualidade no nosso meio social. Este estudo se propõe a discutir, com base no *corpus* citado anteriormente e na sua protagonista, Letícia Fernandez, a sexualidade presente no discurso feminino, como também, aplicar conceitos psicanalíticos de Freud e Lacan, com a finalidade de entendermos como se forma uma mulher, de que maneira o feminino se constitui e como a figura feminina se identifica na conquista da feminilidade.

### **1- O cânone e a literatura erótica/pornográfica**

A questão do cânone está diretamente ligado ao poder social e à ideologia. O cânone literário também está a serviço da formação cultural dos indivíduos, atribuindo valores pejorativos às ideias que contestam ou ameaçam a perpetuação do poder dos grupos privilegiados. “Observa-se que, em geral, são excluídos dos cânones: o popular, o humor, o satírico e o erótico” (Muzart, 1999, pag. 86). A questão da literatura que aborda a temática do sexo é uma problemática que envolve a definição dos conceitos de erotismo e de pornografia.

A sociedade tende a atribuir às obras consideradas cânones que abordam o sexo a categoria do erotismo e rotulando as obras fora dele como pornográficas. Mas por que será que essa definição é feita nesses moldes? Quais os pressupostos para essa classificação das obras literárias que tratam da sexualidade? sexualidade atribuídas ao erotismo e por seguinte à pornografia?

Ao nosso ver, os campos de circunscrição ou de delimitações desses termos são “imensuráveis” ou impossíveis de delimitar. E por que o seriam? Bem. Primeiramente, porque ambos os fenômenos se completam e se entrelaçam como corpos insaciáveis em uma atividade sexual. Os conceitos de erótico e pornográfico vão além de uma simples categorização que “engessem” suas atribuições dentro da sexualidade. Ser erótico ou ser pornográfico está relacionado ao contexto social, cultural e histórico da sociedade e dos indivíduos. Portanto, como afirma Branco:

São, portanto, perigosas e parciais quaisquer tentativas de compreensão e análise da pornografia que não contextualizem o fenômeno, ou seja, que não considerem os valores, as ideias e as normas de conduta em vigor no grupo social e no momento histórico em que determinada obra ou determinado comportamento foram considerados pornográficos. Se o conceito de pornografia é variável de acordo com o contexto em que se insere, e se é impossível articular todas as variantes desse conceito numa única definição, torna-se ainda mais difícil e perigoso tentar demarcar rigidamente os territórios do erotismo e da pornografia.” (BRANCO, “S/D”, pag. 72).

Entretanto, consideramos uma possibilidade de distinção entre o erótico e o obsceno. Na tentativa de realizar essa distinção Moraes e Lapeiz definem “o sentido da pornografia se entendida como o discurso por excelência veiculador do obsceno: daquilo que se mostra e deveria ser escondido” (MORAIS; LAPEIZ, “S/D”, pag. 110). A obscenidade diz respeito aquilo que não deveria estar presente, aquilo que não deveria ser dito. Algo que foi censurado. Proibido! A pornografia veicula através do obsceno aquilo que é censurado socialmente, ou seja, o discurso que é silenciado, mas não extinto, por questões de valores morais e sociais. Seria a libertinagem, ou seja, aquilo que está à margem social por ferir valores culturais cristalizados.

O erótico/pornográfico na literatura parece sofrer influência direta de valores ou juízos de valor. Eagleton afirma que “Valor é um termo transitivo significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos.” (EAGLETON, 2011,

pag.17). Atribuir determinado valor, pejorativo ou não, a algo não se resume a uma mera subjetividade. Todo juízo de valor é condicionado por uma ideologia que rege as opiniões dos indivíduos socialmente. Logo, como a sexualidade ainda é vista rodeada de *tabus* e repressões pela sociedade, conseqüentemente, a alguns textos literários que tratam desse tema são atribuídos valores pejorativos ou até mesmo eles são cabíveis de censura. Discutidos tais aspectos entre o cânone e a literatura erótica/pornográfica, passaremos as discussões psicanalíticas acerca da feminilidade.

### **1- A sexualidade feminina à luz da teoria freudiana.**

Assim como o inconsciente, a psicanálise é caracterizada por caminhos que por vezes nos perdemos e por vezes “achamo-nos”. Foi procurando a masculinidade na mulher que Freud encontrou uma das origens de como uma mulher se forma na sua feminilidade. Sigmund estabeleceu as bases de uma discussão importantíssima que viria a ser consolidada anos mais tarde com *Algumas Consequências Psíquicas da diferença Anatômica entre os Sexos (1925)*. Entre outros aspectos, como o complexo de castração e o Édipo ocorrem no menino e na menina - temas que discutiremos mais à frente - Freud destacou um aspecto importante: a primazia da relação da menina com sua mãe, antes do Édipo paternal.

Ao se queixar da mãe pela sua falta de pênis, supomos que existiria uma relação de cumplicidade, de troca entre genitora e filha. A teoria freudiana ainda afirma que a menina teria uma dupla mudança de objeto amoroso, que seria a mãe trocada pelo pai. Fato esse que, mais uma vez, destaca essa pré-relação com a figura materna. Os fatos do pré-Édipo são resistentes aos domínios do conhecimento psicanalítico. Sendo discutidos com maior precisão em obras posteriores. Uma delas foi *Sexualidade Feminina (1932)*. Esse estudo tem um objetivo que nos parece central discutir: a relação da criança com a mãe no pré-Édipo. “Durante a fase de ligação com a mãe (Édipo negativo), o pai é considerado como um rival pela menina, ainda que não lhe dispense a hostilidade que o menino. De resto, não há paralelismo entre o Édipo feminino e o Édipo masculino.” (FREUD *apud* SMIRGEL, 1988, pag.16).

Outra reflexão que se pode fazer é sobre a figura paterna. Se, no caso dos meninos, o pai intervém para separá-lo da relação incestuosa com a mãe, no caso das meninas, o pai introduz a menina no Édipo. Ainda com relação à aproximação da filha ao pai, podemos ainda observar não somente a mudança de objeto amoroso, mas também de zona erógena. O Clitóris, que representava o pênis feminino na fase fálica, é substituído ou

melhor complementado pela vagina, esquecida anteriormente no campo da sexualidade, como zona erógena. “Trata-se de duas zonas sexuais bem distintas, das quais uma (o clitóris) está ligada à relação com a mãe – a “primeira sedutora” – e a outra assume seu valor na relação com o pai. Mas o gozo vaginal não substitui, estritamente falando, o gozo do clitóris; acrescenta-se, ou conecta-se a ele”. (ANDRÉ, 1998, pag. 182).

Outra distinção ocorre entre o menino e a menina no esfacelamento do fenômeno de Édipo. O menino “pressionado” pelo complexo de castração, abre mão de sua mãe em nome da manutenção do seu pênis e, conseqüentemente, da conquista futura de outras mulheres. O menino se identifica ao pai e este, através de sua alteridade, forma o superego do filho. Valores como virilidade e masculinidade são adquiridos e serão responsáveis por preparar o menino para a vida em sociedade. A menina por sua vez, segundo Freud são fatores externos ao ser que interferem na separação do pai. A educação, valores morais e culturais e o medo de deixar de ser amada fazem com que ela abra mão da figura paterna.

“Ao mesmo tempo em que reconhece a existência do superego na menina, Freud acredita que esse, devido à existência de temores de castração, seja bem mais difícil de se formar” (SMIRGEL, 1988, pag. 14). A teoria freudiana busca seguir a menina na busca da feminilidade, entretanto ela não se estende a vida sexual da mulher. Esse caminho mais “obscuro” é a tentativa de Jacques Lacan. Ele busca discutir a feminilidade na mulher já constituída como tal, entretanto a figura mulher continua desconhecida, assim como seus desejos, como veremos nas próximas páginas. Mas afinal... o que quer uma mulher?

## **2- A sexualidade feminina à luz da teoria lacaniana**

Jacques Lacan, após uma releitura de Freud, desenvolve uma teoria de sexuação baseada em gozos. O homem tem acesso ao gozo fálico, gozo sexual, gozo Um. Esse gozo é preso ao significante. Está sob o domínio do falo. A mulher assumira dois tipos de gozos: o fálico e o gozo Outro como Lacan, assim, o nomeia. Desta forma, observamos que do ponto de vista dos posicionamentos sexuais masculino e feminino, o significante faz uma cisão entre dois gozos e, mais especificamente, na mulher uma bipartição de gozos. Ela tem o gozo fálico, ou seja, o acesso ao gozo do parceiro, e o gozo Outro, exclusivamente seu e que o parceiro jamais terá acesso.

Lacan advoga que a linguagem é um aparelho do gozo e que apenas o gozo masculino estaria no campo da linguagem, ou seja, poderia ser dito algo sobre ele. Esse gozo fálico ou sexual poderia ser descrito. Seria um gozo fora do corpo, logo externo,

ligado apenas por um “fio condutor” que seria o pênis. O gozo Outro, por sua vez, foge do significante e, conseqüentemente, da linguagem. Nada pode ser dito sobre ele. Não pode ser descrito nem ao menos mensurado. Apenas sentido e exclusivamente pela mulher. Esse gozo Outro beira o desconhecido e o inalcançável. Metaforizando com o mito grego dos campos Elísios, o gozo feminino estaria além do mundo dos mortos, o submundo, governado por Hades, local ao qual eram enviados os humanos após a morte, o gozo masculino estaria situado aqui. Os Elísios, por sua vez, corresponderiam ao gozo feminino. Ele estaria além do submundo e de suas delimitações. Aos Elísios, apenas os Deus teriam acesso, logo apenas as mulheres teriam acesso a tal “primícia divina”, assim, tornando-se impossível seu acesso.

A mulher é o ser envolto no mistério do desconhecido. Sobre ela as regras e as categorizações não surtem efeito e não surtem muito por causa de sua falta de significante que a simbolize. Entretanto, é justamente nessa falta que a mulher se estabelece. É, na falta do semblante que se constitui como ser de um modelo feminino “fechado”, no qual a feminilidade e, com efeito, o gozo Outro se constitui. Pommier (1987) afirma que essa exclusão de um significante, resultante de uma castração, provoca uma perda de gozo, todavia essa perda de gozo gera o desejo feminino.

O Ser feminino apresenta um gozo que está fora da linguagem. “Deste gozo outro que não o fálico; nada se sabe. Só se pode, então, supô-lo. Algumas mulheres – não todas – dizem, com efeito, tê-lo, experimentado, e algumas místicas, através de seus testemunhos, nos têm sugerido que haveria um gozo para-além do gozo fálico” (ANDRÉ, 1998, pag.222).

O gozo Outro também é chamado por Lacan de gozo do corpo. E não teria definição melhor ao nosso ver. Se o homem é, apenas, movido pelo gozo sexual, a mulher por sua vez vai além. O gozo feminino não tem caráter de completude do gozo masculino mas de suplementar. Sendo assim, a mulher tem acesso ao gozo do parceiro, mas ele não tem noção, muito menos acesso ao gozo do corpo. Na próxima, procuraremos investigar as possíveis formas de repressão do desejo sexual, bem como, as transgressões e subversões dessas repressões efetivadas pela personagem durante a mimese de suas aventuras sexuais. Ainda, aplicaremos os conceitos psicanalíticos sobre a feminilidade para compreendermos, através do discurso feminino, as efetivações dos gozos e sexualidade feminina.

### 3- A sexualidade feminina: transgredindo regras e gozando além do falo

No primeiro fragmento da obra, observamos que Letícia se propõe a discutir e questionar o *tabu* sobre o desempenho masculino inquestionável no sexo. Vejamos o a seguinte passagem:

Em dezesseis anos de vida sexual, creio nunca ter visto tentativa mais patética. Foi absolutamente constrangedor. Ele não tinham a mais vaga ideia do que estava fazendo. Nada. Nenhuma direção que eu dava (e eu fui beem específica) valia de qualquer coisa. Pedi para ele focar mais o clitóris e expliquei direitinho a pressão a ser colocada na região, mas isso se mostrou inútil. Pouquíssimo tempo depois de começado, o mancebo levanta a cabeça, o resto completamente melado (da própria saliva, vista que ele achou que precisava me lambuzar inteira): “é muito difícil, fico sem ar”. (CEM HOMENS EM UM ANO, 2011, pag. 15;16).

Letícia Fernandez se reporta aos seus parceiros por números ou ordem numérica. A citação acima é sobre o número “dois”. A figura feminina qualifica o desempenho do homem na relação sexual como “patética”. Não é à toa que a personagem utiliza como título dessa narrativa no *blog* “o pior sexo oral da minha vida”. O sexo oral feito pelo rapaz foi considerado um fracasso por Letícia. Apesar das tentativas de satisfazer a parceira, ela se sentiu insatisfeita. O homem não conseguiu chupá-la como a mesma gostaria. Se, por vezes, a mulher é execrada por não conseguir satisfazer os prazeres masculinos, nesse caso, houve uma inversão de valores. A posição de avaliar, julgar e questionar o desempenho do parceiro é reivindicada pela personagem. Ela ocupa essa posição masculinizada e, ao ocupar tal posição, ela transgredi a posição de que o homem é infalível sexualmente seu desempenho é inquestionável por parte de sua parceira.

Por outro lado, a monogamia como relacionamento ideal ganha seu caráter de verdade e de inquestionável, pois se apresenta na base da religião cristã e de um dos seus sacramentos: o casamento. Falar de poligamia masculina e de poligamia feminina em nosso meio social, regido por normas que privilegiam o masculino em detrimento do feminino, não é a mesma coisa. Se por um lado é considerado “menos” ofensivo o homem

possuir relacionamento com mais de uma mulher, o mesmo peso não é atribuído ao feminino. Entretanto, as narrativas que se seguem nos mostram uma mulher que transgredi as normas da monogamia da sexualidade em nossa sociedade. A primeira experiência sexual de nossa personagem nesse sentido foi um *menege*<sup>2</sup> com os rapazes de números quatro e cinco. Os rapazes eram irmãos. Vejamos o início da descrição da cena:

Eles foram mais rápidos em tirar a roupa. Estava tão alucinada que nem vi acontecendo. E, eu, ainda vestida, me ajoelhei no chão e fiquei completamente atordoada ao ver aqueles dois paus preparadíssimos. Só para mim. Só para mim. (...) Enquanto beijava um, masturbava o outro; enquanto chupava o irmão mais novo, o mais velho me tocava. Isso tudo ainda na sala com as roupas espalhadas pelo assoalho. Depois de muita mão e muita língua, era hora de passarmos para a cama. (CEM HOMENS EM UM ANO, 2012, pag. 36; 37).

Letícia está em uma situação em que muitas mulheres, apesar de seus desejos reprimidos, gostariam de estar. Dois homens “disputam” o prazer da mulher que se encontra entre dois órgãos genitais excitados por ela, ainda mais, dois irmãos para uma mesma fêmea. Nossa personagem se encontra em êxtase total. Dois homens que buscam saciar o desejo de possuí-la ao mesmo tempo. Nesse instante não existe o laço fraternal entre eles, mas, sim, o desejo mútuo e voraz pela mesma fêmea.

A protagonista se coloca como o objeto *a*. O fetiche dos irmãos insaciáveis pelo sexo mútuo. Letícia Fernandez assume o modelo de devassa, mulher “prostituta”, no sentido positivo do termo, que todo homem busca para desejar. Lembremo-nos que para Lacan não existe o modelo ou paradigma de mulher, mas um modelo para cada uma, daí o aforismo lacaniano: “a mulher não existe”.

A personagem de nossa narrativa estabelece a transgressão da monogamia imposta ao sexo feminino pela cultura ocidental e patriarcal, bem como, transgredi os paradigmas religiosos do sexo como uso restrito para fins de reprodução. Sem contar na transgressão do sexo restrito ao matrimônio como prega a cultura judaico-cristã.

Fiquei de quatro, e enquanto o mais velho me comia, eu chupava o pau do mais novo até ele gozar. Ele precisava de um tempo para se recuperar, e eu e o mais velho mudamos de posição. Passei a ficar por cima. Mandão como irmão mais velhos costumam ser, ele dizia para o novinho vir participar. Seria aquele, então, o momento da tal dupla penetração. Apesar de não me sentir obrigada a nada, eu estava no

---

<sup>2</sup> Sexo *a trois* expressão francesa relacionada ao sexo feito a três. O *menege* pode ser masculino, dois homens e uma mulher, e feminino, duas mulheres e um homem.



clima. Era tudo tão excitante que achei a ideia ótima. (CEM HOMENS EM UM ANO, 2012, pag. 37).

A personagem se mostra resolvida consigo e com o ato que está realizando. Ela faz sexo pelo sexo. O sexo pelo prazer. Os dois irmãos são adereços que lhe oferecem a satisfação sexual. Letícia não se sente culpada, tampouco, forçada a praticar o *menège*. Faz porque seu corpo deseja os dois homens ao mesmo tempo. É, assim, estabelecido o gozo fálico feminino. Por seguinte, a seguinte passagem nos mostra a efetivação do gozo Outro ou como Lacan conceitua: o gozo do corpo. Esse restrito ao feminino:

Ele ficou nervoso quando as coisas começaram a acontecer – e provavelmente passou o resto do fim de semana se perguntando se tinha feito tudo certo. Foi ótimo. Tranquilo, calmo carinhoso. Ele se preocupou com meu prazer; me tocou, me chupou, me acariciou. Como muitos homens “pegadores” nunca se importaram em fazer. Eles se preocupam tanto com a performance, com a rigidez do pau, e esquecem que não estão ali sozinhos. Luciano, não. Lembrou o tempo todo da mulher que estava ao lado dele. (CEM HOMENS EM UM ANO, 2012, pag. 99).

Como bem afirma a protagonista, Luciano teve um diferencial: preocupou-se com o prazer feminino. A preocupação masculina, com a força e virilidade da penetração tão propagada em nossa cultura patriarcal, dá lugar ao homem que busca uma satisfação sexual da parceira em primeiro lugar. Essa posição assumida por ele faz com que Letícia vá além do falo. Ela se encontra gozando duas vezes, ou seja, o gozo fálico e o gozo do corpo. Esse corpo feminino é colocado como prazer do Outro que, por sua vez, retribui tal ação com carícias e toques que vão além do falicismo masculino. Sobre a forma da mulher retirar seu gozo do ato sexual Patrick Valas nos ensina que:

O gozo que ela retira do ato sexual se apresenta de forma completamente diferente, pois, no amor, ela dá o que ela não tem. Esse objeto que ela não tem o falo que causa o seu desejo, só aparece no momento do seu desaparecimento. Ele é representado pela castração masculina, o que a detumescência figura subjetivamente. É pois por meio do homem que a mulher é confrontada com o complexo de castração. Por esse fato, nesse falo que lhe falta, ela se transforma nele inteiramente, para o homem, na emergência de seu próprio gozo, ela se torna o que criou, no seu gozo essencial que se revela, aqui, na ordem do *causa mui*. (VALAS, 2001, pag. 87; 88)

É ofertando o que não possui, o falo, que Letícia se mostra a Luciano e cativa neste o desejo de possuí-la e satisfazê-la em seu desejo, despertando assim seu gozo

Outro. O gozo do corpo. Logo, Se por um lado temos uma mulher, Letícia Fernandez, que se apresenta e se coloca como o desejo dos seus parceiros, por outro, temos uma mulher que extrai dessa condição de sintoma da figura masculina o seu próprio prazer. Em alguns momentos apresentando o gozo fálico, buscando nos parceiros algo que lhe confere ou lhe garante a feminilidade, ou seja o falo. Em outros momentos oferecendo seu corpo como condição para o prazer dos parceiros e, através do gozo fálico chegando a um Outro gozo do qual a linguagem não tem meios para descrevê-lo e o homem não tem acesso.

#### **4- Considerações finais**

A personagem Letícia Fernandez assume um posicionamento crítico e reflexivo acerca de paradigmas e concepções sobre a prática sexual, considerados inquestionáveis em nossa organização social. A personagem, ao realizar suas aventuras sexuais e, por conseguinte, satisfazer os desejos de seu corpo, transgredir normas como o sexo pelo prazer, a monogamia, o conceito de relação sexual restrito à penetração e, a sempre inquestionável supremacia do falo, sentido aqui igualado ao pênis, em detrimento do prazer feminino.

A questão do gozo feminino, como ocorre no *corpus*, é outro fator que transgredir os paradigmas convencionais. A protagonista deseja a prática do sexo como forma de vivenciar e satisfazer suas pulsões eróticas. A libido feminino tem prevalência. Ele se demonstra e se apresenta nos gozos fálicos atingidos pela personagem durante as relações sexuais estabelecidas. Já com relação ao gozo Outro suposto por Lacan, evidenciamos que os parceiros que fizeram com que Letícia chegasse a atingi-lo assumiam o semblante contrário ao modelo ou posicionamento masculino convencional adotado na sociedade patriarcal.

Por fim, se em nossa sociedade o corpo feminino é amordaçado pela repressão social, como as históricas de Freud, o corpo feminino descrito *em cem homens em um ano* fala. E o faz de forma segura. Resolvido consigo mesmo. Por vezes, reivindicando a posição que o homem ocupa frente ao feminino em relação ao sexo. Essa mulher - a personagem - questiona, julga, avalia o fracasso do homem, quando ocorre, em satisfazê-la. Não existe espaço para um ser passivo apenas pronto a satisfazer os desejos e prazeres masculinos. Ela quer gozar, antes de fazer gozar.

#### **5- Referências**

ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1996.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1998.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAPA, Nádía. **Cem homens em um ano**. São Paulo, Ed. Matrix, 2012.

MORAES, Eliane Robert. **O efeito obsceno** in *cadernos pagu* (20) 2003. Pag. 121- 130.

MUZART, Lupinacci Zahidé. **A questão do cânone** in *Anuário de literatura* 3, pag. 85-94, 1995.

MILAN, Betty; BRANCO, Lúcia Castello; MORAES, Eliane R.; LAPEIZ, Sandra M. **O que é amor, erotismo, pornografia**. Coleção Primeiros Passos. Volume 11. Círculo do livro, “S/D”.

POMMIER, Gérard. **A Exceção Feminina, os impasses do gozo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1987.

REIS, R. IN. JOBIN. J.L. (org). **Palavras da crítica. Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Pag. 65-92

SIGMUND, Freud. **Históricos: comunicação preliminar** in obras completas. Coleção Le livros, 1893. Disponível em: <http://www.levivros.obrascompletasdrsigmundfreud.com>. Acessado em 18/03/2016.

SMIRGEL, Janine Chasseguet. **A sexualidade feminina**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

VALAS, Patrick. **As dimensões do Gozo, do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.